

# **Jovens universitários e construção de identidades: afastamento da família, adaptação a um novo espaço urbano e repúblicas universitárias.**

Manuela Vieira Blanc.

Cita:

Manuela Vieira Blanc (2008). *Jovens universitários e construção de identidades: afastamento da família, adaptação a um novo espaço urbano e repúblicas universitárias*. IX Congreso Argentino de Antropología Social. Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales - Universidad Nacional de Misiones, Posadas.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-080/433>

## **Jovens universitários e construção de identidades:**

### **afastamento da família, adaptação a um novo espaço urbano e repúblicas universitárias.**

Manuela Vieira Blanc, mestranda em Ciências Sociais UERJ/RJ - BRASIL

[manu\\_uenf@yahoo.com.br](mailto:manu_uenf@yahoo.com.br)

Palavras-chave: juventude, identidade, família e repúblicas universitárias.

### ***Introdução: O que são as repúblicas estudantis e quem são os seus habitantes***

Este artigo se propõe a analisar alguns dos aspectos desenvolvidos em minha dissertação de mestrado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), localizada na cidade do Rio de Janeiro - Brasil. Desde a graduação, venho observando jovens universitários integrantes de moradias coletivas, suas formas de sociabilidade e estilos de vida entre estudantes da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), localizada na cidade de Campos dos Goytacazes, Região Norte do Estado do Rio de Janeiro. Essa forma de moradia, denominada por eles mesmos como repúblicas universitárias, pode assumir diversos formatos em diferentes situações, normalmente envolvendo um grupo de estudantes que compartilham uma habitação, sejam casas ou apartamentos, dividindo entre si as despesas e responsabilidades para com a sua manutenção. Segundo o modelo básico de república, este grupo não conta com a presença de uma figura que exerça algum tipo de autoridade previamente legitimada com relação aos outros membros. Ao menos de forma aparente, todos os indivíduos que fazem parte do grupo possuem os mesmos direitos e deveres no que se refere aos assuntos comuns. Ao mesmo tempo, as regras de manutenção da moradia, os conteúdos e formas dessas relações se estabeleceriam internamente. Pude observar em trabalhos anteriores<sup>1</sup> que não é raro perceber que em alguns grupos se dá a legitimação de uma espécie de líder, ou mediador, seja dos conflitos internos, regras de convivência, administração do lar, etc.

A UENF, onde venho realizando minha pesquisa de campo há aproximadamente quatro anos, não oferece aos seus alunos alojamentos estudantis. Os alojamentos são muito comuns nas universidades brasileiras, sobretudo entre as mais antigas e aquelas administradas pelo governo federal, trata-se de espécies de moradia utilizadas sem custos pelos estudantes, onde não só o espaço de habitação como também os serviços básicos de água e luz são custeados pelo governo. Os estudantes aprovados no exame de admissão<sup>2</sup> e originários de cidades ou

---

<sup>1</sup> Blanc, Manuela V. Ampliando horizontes: jovens universitários e a (re) construção de valores a partir da vivência em moradias coletivas. Monografia de conclusão do curso de bacharelado em Ciências Sociais, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, Brasil.

<sup>2</sup> No Brasil, os estudantes que concluem o Ensino Médio e desejam cursar a universidade devem se submeter a provas de admissão, denominados Vestibulares, concorrendo a vagas no curso escolhido. Normalmente cada instituição de ensino abre inscrições para o seu teste específico de admissão.

regiões distantes do campus universitário mudam-se para os alojamentos e lá tem o direito de permanecer até que conclua o curso universitário, as vagas costumam ser distribuídas preferencialmente aos estudantes segundo critérios econômicos e/ou localidade de origem. Devido à falta de alojamentos na UENF, os estudantes não nativos da cidade de Campos dos Goytacazes, ou seja, aqueles que até então moravam com seus pais ou responsáveis em outras áreas do estado ou país, costumam recorrer a formação de repúblicas como alternativa de habitação.

Neste trabalho, pretendo analisar parte dos dados coletados com o objetivo de compreender os conteúdos inerentes a uma identidade juvenil que se constrói de uma forma muito específica, a partir dos hábitos, espaços e relações estabelecidas após a entrada na universidade. Os convido a analisar o *trote* como um ritual de passagem no qual os novos estudantes se inserem nesta nova realidade. Certamente, nem todos os estudantes da UENF são moradores de repúblicas, nem chego a acreditar que sejam maioria, mas os tomo como atores de minha análise devido ao caráter particularmente peculiar da realidade vivenciada, agregando a experiência educacional, o afastamento geográfico dos pais, a formação das moradias coletivas e também de redes de relações construídas a partir delas.

### ***Juventudes: uma breve revisão bibliográfica***

Los niños tempranamente aislados y la fuerte restricción del contacto físico con los padres pueden cumplir una cierta función como preparación para el alto grado de individualización que hoy se espera de los adultos en las sociedades industriales. (ELIAS, 1998: p. 432)

O afastamento dos mais jovens com relação aos adultos é apontado por muitos estudiosos como parte do processo de desenvolvimento pessoal dos sujeitos e característica do próprio desenvolvimento do conceito de juventude como construção social; mas assume, como a própria noção de juventude, características específicas em cada sociedade e período histórico. Ariès (1981), em sua análise do surgimento e legitimação do sentimento de família e infância nas sociedades ocidentais a partir da idade média, destaca como um dos primeiros sintomas do reconhecimento social das especificidades dos mais jovens a diferenciação entre atividades nas diversas fases da vida, marcada pela separação dos espaços físico e simbólico ao alcance das diferentes gerações dentro do grupo familiar. Foram tipificadas nesse processo formas de ser criança, ou adulto, pela legitimação de um comportamento aceitável para cada grupo etário e deixado de ser apreciado o convívio indiscriminado entre gerações. Reconhece-se a diferença e tal reconhecimento é traduzido em distanciamento, meio prático de garantir a interiorização de papéis que não mais se misturam, interpretado por Ariès (1981) e por outros como processo progressivo de assimilação de normas sociais e construção do que seriam indivíduos plenos, os adultos.

Tal distanciamento se delineou ainda nas casas das famílias mais abastadas e assumiu maior eficácia com o surgimento das instituições de ensino, movimento apontado por Elias como um “*síntoma de uma desfuncionalización parcial de los padres*” (ELIAS, 1998: p. 437). Os grupos familiares passam a dividir a formação de seus filhos com entidades coletivas, como colégios, instituições religiosas, etc. Progressivamente, é estendido e compartimentado esse período da vida, culminando não apenas com a valorização da infância, como também com a

criação da própria noção de juventude.

Mas de que se trata tão noção?

O reconhecimento de um sujeito como alguém que pode ser classificado pelo termo jovem atravessa diversas concepções sobre o que o próprio conceito de juventude implica, e que vão desde a faixa etária em que se encontra até características comportamentais apresentadas, seja qual for o parâmetro estabelecido.

Abramo (1994) apresenta diferentes perspectivas de análise da noção de juventude ressaltando o caráter socialmente variável de tal conceito. Analisa o termo como uma etapa de transição, estágio anterior ao que apresenta como “vida social plena“, caracterizado pelo prolongamento dos estudos. Remete à visão de Erickson quanto a esta fase da vida tomada como situação de moratória, período em que sujeitos em fase de preparo para a fase adulta têm o privilégio de experimentar possibilidades múltiplas sem um comprometimento prolongado com relação aos posicionamentos assumidos ou suas conseqüências (ERICKSON apud ABRAMO, 1994). Diversos desdobramentos surgiram a partir desse paradigma interpretativo. Por um lado, este serve como base para a análise de uma suposta recorrência de “grupos desviantes” formados por indivíduos jovens. A análise dos fenômenos adjacentes a essa que é tomada como peculiaridade desses indivíduos: a moratória social ou uma existência que independe de padrões comportamentais rígidos, como ponto de partida para o entendimento de “disfunções no processo de socialização” segundo o foco de trabalho dos pesquisadores de Chicago (ABRAMO, 1994). Por outro lado essa visão da mocidade permite que seja apontada como recurso latente a toda sociedade, como potência de mudança, transformação social, (MANNHEIM apud ABRAMO, 1994). A autora menciona ainda uma defesa da juventude como condição de pré-funcionalidade, anterior a uma tomada de consciência e inserção segundo os moldes de uma “estratificação social” (HELLER, apud ABRAMO, 1994).

Já Muller (2005) chama atenção para as relações de poder presentes em classificações etárias, marcadas pela dependência dos mais jovens para com os mais velhos, mas tal hierarquia ao contrário do observado entre os sexos, por exemplo, tende a se diluir com a superação da fase juvenil, já que está é tomada como uma condição transitória:

“O que há de específico da idade é que, com o passar do tempo, existe uma superação desses papéis de subordinação – o indivíduo em situação de dependência passa a ser autônomo com a idade adulta, e pode até voltar a estar numa situação de ambígua dependência com relação a seus descendentes em sua velhice” (MÜLLER, 2005: p. 65)

Segundo a autora, a associação entre juventude e transitoriedade, vida adulta e estabilidade, implicam numa definição do status de jovem, em oposição ao de adulto, que se dê a partir da pressuposta ausência de obrigações sociais. Adultos sendo apresentados como indivíduos dotados de um conjunto determinado de responsabilidades, e a transição para a adultez<sup>3</sup> caracterizada pela progressiva assimilação desses “novos papéis” previamente determinados

---

<sup>3</sup> Termo utilizado pela autora.

como não juvenis como responsabilidades parentais, um tipo ocupacional ou habitacional pré-definido. A problemática por trás dessa perspectiva envolve para Müller (2005) as diferenciações dentro de uma mesma sociedade no que se refere ao período vital em que jovens inseridos numa faixa etária se deparam com a necessidade prática de assumir ou não certo posicionamento. Segundo seus argumentos, uma noção de moratória social apreendida como espécie de “quarentena” juvenil é incapaz de abarcar diferentes formas de ser jovem presentes dentro de um mesmo grupo social, estabelece apenas uma diferenciação quanto aos jovens “culturalmente juvenis” e aqueles que não se caracterizam como tais (MÜLLER, 2005).

Vianna (1997) também chama atenção para a insuficiência de uma conceitualização da juventude como ausência de ordenação, ou período de turbulência dada pela falta de fixidez em contraposição a uma suposta estabilidade característica da vida adulta. Essa visão contrasta com a própria complexidade do mundo atual refletida, sobretudo, nas sociedades ocidentais, e apresenta-se como o mesmo que “não levar em conta ‘o fluxo subcultural e a natureza dinâmica do estilo’” (CLARKE, apud VIANNA, 1997: p. 14).

O debate em torno da precisão do conceito de juventude vem se desenvolvendo mais intensamente nos últimos anos, trata-se de uma problemática atual entre os pesquisadores, bem como sua relação com discussões que remetem a condições tomadas como típicas da modernidade, relativas a formação das identidades individuais ou uso do espaço e sua implicação para a construção das juventudes. A dinâmica por trás da construção das identidades individuais é o ponto chave para a compreensão das diferentes formas de ser jovem no mundo moderno ocidental, segundo Velho (2006), implicando em multiplicidades temporais, territoriais e de experiências vivenciadas por diferentes grupos juvenis ou até mesmo sujeitos inseridos em um mesmo grupo. O autor remete à observação de Schutz quanto ao trânsito de indivíduos entre “mundos sociais” e “províncias de significados” (SCHUTZ, apud VELHO, 2006) e suas implicações para a construção de uma identidade juvenil plural e ao mesmo tempo a re-configuração das relações geracionais, dada pelo contato dos mais jovens entre grupos e espaços até então velados para as gerações anteriores (VELHO, 2006).

A ausência de padrões identitários bem marcados, ou um estoque identificatório limitado, levam a um sentimento de vazio típico dos dias atuais refletido também nas identidades juvenis (DA POIAN, apud COELHO, 2006). A partir dessa afirmativa, Coelho analisa a formação de fãs-clubes como comunidades estéticas, apreende a idolatria como meio para experimentação da comunidade sem que sua existência seja dada de fato. Um sentimento de pertencimento descolado do ônus dos vínculos indissolúveis. Esses grupos atuam na consolidação da identidade do fã, por meio do contato contínuo e intenso com pessoas de mesmo interesse, formalizam o compartilhar de uma mesma identidade, em que *“o ponto central parece ser a importância atribuída ao fato de que o artista tem consciência de que o fã-clube existe [...] ser ‘reconhecido’ pelo artista parece ser assim uma forma de asseguarção da própria identidade”* (COELHO, 2006: p. 185). A idolatria funciona nesses casos como base para identificação e construção de relações entre esses jovens, que tendem a buscar uma visibilidade pelo reconhecimento do outro da existência da comunidade (COELHO, 2006).

Outros autores analisam as performances apresentadas por grupos juvenis nos dias atuais como forma de demarcação de identidades e sua legitimação. Para Pais (2006) a fluidez crescente das estruturas sociais atua sobre a vida dos jovens culminando com uma orientação voltada para o presente, *“já que o futuro fracassa em oferecer possibilidades de concretização*

*das aspirações*” (PAIS, 2006: p. 10). Assim esses grupos ensaiam performances baseadas numa auto-imagem muitas vezes marcada pelo exagero, pela fuga ao convencional, uma apresentação de si a partir de máscaras que simbolizam a pluralidade de suas identidades, numa típica definição do “eu” que se dá pelo contraste com o outro (PAIS, 2006).

A multiplicidade de possibilidades que se reflete nos aspectos subjetivos da construção de juventudes nos dias atuais atravessa diversas questões, desde o surgimento de novos meios de comunicação, ocupação do espaço urbano, etc. Todas essas propostas analíticas atravessam concepções sobre juventude, bem como apontam os diferentes aspectos relativos à construção das identidades, sua legitimação e performances. A singularidade do termo jovem está em seu uso sobre um conjunto específico de indivíduos, e ainda assim pode ser relativizada.

O que podemos perceber é que, assim como diferem as formas de interpretação apresentadas pelos pesquisadores sobre os mais amplos aspectos da realidade juvenil, diferem entre si aqueles que estão nessa fase da vida. Mais do que um estado de espírito refletido em um estilo de vida tido como típico do que seria ser jovem (VIANNA, 1997), ou um grupo de indivíduos de uma mesma faixa etária proponho uma discussão de juventudes específicas que se delineiam segundo contextos peculiares. Ao mesmo tempo, pensar no que há em comum entre esses sujeitos genericamente classificados como tal mostra-se necessário para o desenvolvimento de um estudo deste tipo. Assim como venho expondo, assumo uma interpretação do conceito de juventude como construção social que apresenta variações históricas e que, enquanto fase de preparo para a vida adulta, se constituiu em consonância com o desenvolvimento da sociedade moderna e de sua entidade principal: o indivíduo (ELIAS, 1998; ABRAMO, 1994; BOURDIEU, 1983; REZENDE, 1989). É essa entidade, baseada em princípios de racionalidade e autocontrole, que teria lançado uma nova disposição dos sujeitos sociais com relação ao todo em que estão inseridos.

Parto da premissa de que, tomada a atuação dos sujeitos como em consonância com as pressões coletivamente aplicadas, ou como ações com certo nível de auto-direcionamento, dentro de um campo de possibilidades minimamente amplo (VELHO, 2003), a modernidade confere e ao mesmo tempo demanda dos sujeitos um tipo de posicionamento diferenciado. Ao mesmo tempo, a multiplicidade de papéis passíveis de serem assumidos, a ausência de conteúdos previamente definidos a serem assimilados ou ritos de passagem delimitadores das diferentes fases vivenciadas, implicam numa situação de ambigüidade (ABRAMO, 1994). A passagem para a vida adulta em sociedades simples não conta com a criação de uma *“isla juvenil de la sociedad”* (ELIAS, 1998, p. 425), mas envolve rituais altamente significativos. Uma passagem sem fases tão longas e progressivas, mas bem melhor delimitada, que envolve o isolamento dos sujeitos em favor de seu preparo e purificação, para que então sejam reintegrados, já como “adultos”, ao convívio social (GENNEP, 1977).

A formação dos sujeitos ocidentais modernos se dá pela construção de identidades individuais, e numa realidade onde não há hegemonia, fixidez ou territorialidade: *“ao mesmo tempo em que referências identitárias locais e fixas persistem, identidades globais flexíveis e móveis começam a produzir efeitos destabilizadores e inquietantes”* (ROLNIK, apud ALMEIDA, 2006, p. 143). Como se não bastasse o fato do próprio conceito de juventude variar segundo a definição de indivíduo adulto, variante por sua vez dentro de um mesmo grupo, temporalmente e segundo contextos específicos; não há um conteúdo ou delimitação predefinidos.

Portanto, não me aventuro a delimitações mais precisas do que aquelas que abarquem auto-

representações de si com relação à fase vivenciada<sup>4</sup>, considerando que sua validade está diretamente ligada ao reconhecimento pelo outro dessa identidade.

### *Identidades em relação*

Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode falar (HALL, 2000: p. 111).

As transformações vivenciadas pelas famílias modernas evidenciam todo um processo de fragmentação das fontes valorativas. Alguns autores apontam para uma multiplicidade de fontes e, paradoxalmente, um fenômeno de esvaziamento de sentido em um caráter coletivo e englobador. A ausência de uma base hegemônica de significados ao mesmo tempo em que dá margem à uma gama quase infinita de possibilidades, combináveis e re-combináveis, em movimentação constante e intensa, também implica numa atmosfera instável e, muitas vezes, inquietante (ALMEIDA, 2006; PAIS, 2006; CASTELLS,-1999).

Algumas dessas mudanças começaram a se delinear durante a legitimação das diversas instituições que passam a compartilhar com as famílias o papel de formação dos sujeitos e, sobretudo, a partir da descentralização do poder das igrejas com relação à delimitação de parâmetros morais generalizantes. “*As principais igrejas [...] perdem muito de sua capacidade de impor normas de conduta*” (CASTELLS, 1999: p. 417).

Em meio a essa atmosfera borbulham identidades múltiplas, construídas nos mais diferentes ambientes e relações. Seus conteúdos e forma são definidos apenas no contato entre diversas realidades e aspectos das socialidades em que estão inseridos, a partir da própria definição das diferenças, numa forma de ser que se delimita a partir daquilo que não é (WOODWARD, 2000). “*O ‘eu’ perde-se no ‘outro’, num desencontro no que se encontra a identidade nas teias da socialidade, pois esta é um palco de transferências: de emoções, de saberes, de sensibilidades*” (PAIS, 2006: P. 18).

Este trabalho será desenvolvido com base em uma noção de identidade em fluxo, que se constrói a partir de dimensões ao mesmo tempo subjetivas e coletivas, num contexto sempre relacional, tanto no que se refere a outros sujeitos quanto à realidade objetiva em que se está inserido. A fluidez que a caracteriza é dada por seu caráter histórico, localizado e relacional, na compreensão de que se constitui em consonância com a realidade e as relações com o outro e a partir de diferentes eixos passíveis de serem acionados em diferentes situações, a pluralidade de inserções possíveis típica do mundo moderno refletida na constituição de sujeitos múltiplos (WOODWARD, 2000).

Ao mesmo tempo, falar de formação das identidades não implica em supor que haja um

---

<sup>4</sup> Insisto numa diferenciação com relação à possibilidade da juventude ser considerada enquanto estilo de vida.

processo final em vias de se completar, mas a disposição em tentar compreender as representações que, neste caso, servem como base para a construção de identidades juvenis, de acordo com alguns aspectos da realidade em que este grupo de jovens está inserido. Ao mesmo tempo, cabe ressaltar que todo o processo, tanto de constituição das identidades quanto de possível transformação de seus conteúdos simbólicos se desenvolve em relação com outros sujeitos e dentro de um campo de possibilidades em constante negociação (VELHO, 2003). A construção identitária é subjetiva e coletiva, pois se delinea a partir do contato com aquilo que não é, em um movimento duplamente ativo de construção de uma autopercepção de si e apropriação de representações a partir das respostas do outro, e demanda por reconhecimento e legitimação (SILVA, 2000).

As identidades possíveis estão colocadas tanto na relação dos sujeitos com sua realidade em trajetória quanto nos contatos estabelecidos com o outro. Sendo assim, aquilo que se é está muito aquém daquilo que se pode ser no que se refere à amplitude dos conteúdos disponíveis, às potencialidades do vir a ser. Ao mesmo tempo, as diversas faces de uma mesma identidade apresentam-se como significativas apenas em correspondência com o que está fora delas. Aquilo que não é fornece as bases e condições para o que será, culminando com o estabelecimento de uma diferença sustentada pela exclusão (WOODWARD, 2000). Assim também, parto da suposição de que a definição do conteúdo identitário dos estudantes universitários assume características tão específicas quanto às situações em que se inserem, apresentando relevância e complexidade proporcional à importância de se apresentarem enquanto tais ou quais.

Diversos autores apontam para a importância da performatividade para a construção e legitimação das identidades juvenis: “[...] a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo” (SILVA, 2000: p. 96) O uso repetitivo e insistente de proposições, marcas de diferenciação que seguem desde vestimentas até vocabulário, comportamento, etc, mais do que descrever tem o poder de produzir realidades, produção esta que se dá pela “exposição” de uma imagem construída sobre si mesmo, muitas vezes marcada pelo exagero ou pela quebra com padrões.

Para José Machado Pais (2006) posicionamentos performáticos têm como objetivo a superação das incertezas e riscos enfrentados em um mundo de identidades plurais e heterogêneas em si mesmas, e envolvem uma tendência à valorização do lúdico, sobretudo entre “culturas de margem”, como grupos juvenis. Estes têm que lidar com seu caráter transitório como obstáculo para a conquista de reconhecimento por parte dos outros grupos. A fluidez progressiva apresentada pelas estruturas sociais de uma forma geral, inconstâncias, descontinuidades e reversibilidades características de sua condição juvenil e até um certo pessimismo com relação ao alcance de objetivos práticos levam a uma busca por identificação como tradução a uma busca de si. E a opção por um posicionamento exagerado, que foge ao usual, pela transgressão de normas e padrões de comportamento fortemente legitimados, como um meio de estabelecer tais contatos e dar prosseguimento com a construção de uma cultura própria, mas que, no fundo, reclama por reconhecimento e inclusão social (PAIS, 2006).

A própria representação age por meio do performático no estabelecimento das delimitações e diferenças, numa forma de posicionamento que se impõe, chama a atenção para si e exclui tudo aquilo que não é (SILVA, 2000).

## ***Construindo representações de si: o trote***

Venho acompanhar estudantes da graduação, economicamente dependentes de seus pais ou responsáveis, não inseridos no mercado de trabalho formal, instalados em moradias compartilhadas com colegas que apresentam essas mesmas características, e que, de certa forma, dependem do aval de seus familiares para a manutenção de seu estilo de vida (BOURDIEU, 1983). Não são casados nem têm filhos, ambos os casos apresentando raríssimas exceções.

A realidade na qual meus analisados estão inseridos, ao mesmo tempo em que se apresenta segundo características que tendem a legitimar sua classificação geracional, tomada a partir de parâmetros socialmente legitimados (e até certo ponto teoricamente reiterados), também comporta elementos que dão margem à construção de uma identidade muito específica, que pode fugir a modelos de juventude previamente estabelecidos. Neste trabalho, pretendo analisar parte dos dados coletados para o desenvolvimento de minha dissertação de mestrado, intitulada *O desafio de vir a ser: jovens universitários, moradias coletivas e identidades*<sup>5</sup>. Acompanhando um grupo de estudantes do curso de veterinária em contato com colegas recém ingressos na universidade, durante as cerimônias do *trote*, podemos refletir sobre o estabelecimento de relações, a transmissão de saberes e a construção de identidades.

Assim como apresentado anteriormente, os estudantes são selecionados para vagas nas universidades brasileiras através dos vestibulares. O vestibular da UENF é realizado anualmente e são selecionados apenas estudantes que deverão ingressar no primeiro semestre do ano letivo. Durante as primeiras semanas de aula do semestre de ingresso dos novos alunos (ou no início de todos os semestre, em caso de instituições em que a seleção, e conseqüentemente o ingresso, ocorre duas vezes por ano), são comuns no Brasil a organização, pelos próprios alunos, de atividades denominadas *trotes studentis*. O *trote* envolve atividades comandadas pelos estudantes *veteranos* em que os *calouros* são submetidos a brincadeiras diversas<sup>6</sup>. É comum a pintura dos corpos desses estudantes.

O *trote* é alvo de críticas e preconceitos de diversos setores da sociedade brasileira. Suas atividades são classificadas como vexatórias, humilhantes, degradantes a imagem dos *calouros* e um movimento que vai de encontro à sua integridade. Um belo exemplo das representações sobre o *trote* vigentes na sociedade mais amplas é apresentado pelo site Wikipédia, em que a categoria *trote* é definida da seguinte forma:

### **Trote estudantil**

**Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.**

Ir para: navegação, pesquisa

**Trote estudantil** (ou simplesmente **Trote**) é uma tradição brasileira, em alguns aspectos, similar à **praxe** em Portugal, que consiste em um conjunto de atividades, que podem ser leves (brincadeiras) ou graves (humilhações ou agressões).

---

<sup>5</sup> Sob orientação da Profa. Dra. Claudia Barcellos Rezende.

<sup>6</sup> As palavras em negrito correspondem a categorias nativas. São *veteranos* os estudantes já “iniciados” na vida universitária, na universidade analisada passam a ser considerados *veteranos* os estudantes a partir do terceiro período do curso, ou seja, um ano após a entrada na instituição. É possível que tal classificação seja conferida já no segundo semestre. *Calouro* é como é chamados o estudante recém chegado à universidade e, conseqüentemente, nesse caso, aquele que ainda se encontra no primeiro ano de graduação. Em outras instituições universitárias é comum a utilização de outras denominações em mesmo sentido, como *bicho*, *urso*, etc.

Costuma ocorrer nos dias de calourada (que acontecem no início de um semestre ou ano letivo) em escolas, faculdades e universidades pelos estudantes mais antigos (denominados *veteranos*) nos recém-chegados (denominados *calouros* ou *bixos*). Porém o *trote* também costuma acontecer na escola depois da calourada, principalmente nos calouros que não compareceram à ela.

E é freqüente também, mesmo depois da época de calourada, trotes fora da instituição de ensino, principalmente em *casas de república* (onde dormem juntos os alunos que vieram de outras cidades), uma vez nestes locais a escola ou universidade não tem controle e não pode emitir ocorrências ou execuções.

Para saber mais sobre a origem histórica dessas atividades e sobre sua prática em Portugal, dirija-se ao artigo Praxe. Todavia, as práticas abaixo relacionadas em nada se relacionam com as utilizadas em Portugal na **praxe**, nem o *trote* pode ser equiparado quanto à tradição acadêmica e à integração na vida social e cultural como a Praxe em Portugal.

### **Etimologia do trote**

A palavra "*trote*" possui correspondentes em vários idiomas, como *trote* (espanhol), *trotto* (italiano), *trot* (francês), *trot* (inglês) e *trotten* (alemão). Em todos estes idiomas, e também em português, o termo se refere a uma certa forma de se movimentar dos cavalos, uma andadura que se situa entre o passo (mais lento) e o galope (mais rápido). Todavia, deve ser lembrado que o *trote* não é uma andadura normal e habitual do cavalo, mas algo que deve ser **ensinado** a ele (muitas vezes à base de chicotadas e esporadas). Da mesma forma, o calouro é encarado pelo veterano como algo (mais que um animal, mas menos que um ser humano) que deve ser *domesticado* pelo emprego de práticas humilhantes e vexatórias; em suma, o calouro deve "aprender a trotar".

Da mesma forma, denominar o calouro de *bixo* (ou *bixete*, se for mulher), parece querer indicar "que o calouro deve ser humilhado a ponto de nem mesmo merecer que a palavra *bicho* seja escrita corretamente" (Zuin, 2002, p. 44). ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Trote\\_estudantil](http://pt.wikipedia.org/wiki/Trote_estudantil), acessado em 10 de junho de 2008)

Este é um site que recebe um considerável número de acessos de internautas brasileiros diariamente, e podemos perceber que parte das informações parecem ser provenientes de textos de caráter científico escritos por diversos autores. Separei apenas um trecho da matéria, mas além dessas informações, são analisadas o que seriam as origens desta prática, as atividades realizadas, divididas pela Wikipédia entre o que seriam as leves, medianas e graves. Não pretendo aqui negar a existência de práticas negativas envolvendo o *trote*, casos de jovens que morrem em acidentes durante as brincadeiras, os inúmeros processos judiciais envolvendo acusações de danos morais ou físicas e etc. Tento chamar atenção inicialmente para as críticas comumente apresentadas por grande parcela da sociedade brasileira com relação ao trote e, em contrapartida, sua continuidade nos círculos universitários. Algumas universidades, após casos extremos de agressão, proibiram a realização de trotes estudantis, mas na UENF, por exemplo, apesar das campanhas de "conscientização" realizadas pelos professores, funcionários, e a própria reitoria, essas práticas continuam ocorrendo todos os anos e, assim como pretendo mostrar, com a aprovação dos próprios *calouros*.

### **Observações sobre o caso UENF**

No início deste ano, me preparei para estar na UENF durante a primeira semana de aulas e acompanhar um grupo de estudantes em seu *trote*. Os trotes da UENF são normalmente

organizados pelos alunos *veteranos* e são preparadas as brincadeiras de acordo com a divisão entre turmas, e, conseqüentemente, entre cursos. A universidade está organizada em quatro centros de estudos, separados por áreas do conhecimento e, em certos casos, é possível que o *trote*, ou parte dele, seja realizado em grupos de diferentes turmas, como o observado entre os cursos de engenharia. Neste caso, o *trote* em alguns momentos é aplicado separadamente, mesmo que muitas vezes num mesmo local (o pátio ou a quadra da universidade, na maioria das vezes) e, em outros, as atividades podem realizadas no grupo mais amplo.

As atividades são divididas durante a primeira semana de aulas, o primeiro dia do *trote* acompanhado por mim foi o mais intenso, cansativo e duradouro, foram realizadas também brincadeira no segundo e terceiros dias da semana, mas com uma tendência decrescente no que se refere ao número e “peso”. Os estudantes tendem a escalonar o que seriam atividades mais ou menos pesadas, de acordo com o esforço físico demandado, o grau de sujeira ou de impacto<sup>7</sup>.

Devido aos impactos na sociedade destas práticas, assim como chamei atenção ao citar a definição do site Wikipédia para a categoria *trote*, o acompanhamento de um grupo de estudantes *aplicando* e *tomando*<sup>8</sup> *trote* apresenta problemáticas específicas. Sabia que não seria fácil acompanhar as brincadeiras do *trote* na universidade inteira, primeiro porque os grupos ficam geograficamente posicionados em diferentes pontos da universidade, locais esses que respondem de alguma forma a própria geografia dos cursos de graduação. Ou seja: observei que os estudantes tendem a ficar próximos dos prédios ou áreas da universidade, durante o *trote*, que correspondem aos prédios ou áreas pelas quais tenderão a circular durante toda a graduação, de acordo com a localização das atividades específicas do curso no qual estão inscritos. Os *calouros* também podem ser levados à conhecer alguns desses espaços pelos próprios *veteranos*, durante as atividades do *trote*.

Minha preocupação era não só garantir que poderia observar livremente estes grupos, como também saber aonde poderia encontrá-los nos diferentes dias. Não poderia correr o risco de me tornar uma presença indesejável para eles, pois sabia que poderiam utilizar de estratégias para impedir a minha presença, seja redirecionando as brincadeiras para locais desconhecidos por mim, seja modificando o conteúdo das brincadeiras de acordo com aquilo que imaginavam ser meus objetivos. As atividades são realizadas em locais de grande visibilidade, mas são acompanhadas, segundo pude observar, apenas por grupos muito específicos. Além dos estudantes que aplicam o *trote*, apenas *veteranos* e seus amigos são vistos por perto por um espaço de tempo prolongado.

Eu fui estudante de bacharelado em Ciências Sociais pela UENF durante os anos de 2003 e 2006, mas o ano que havia passado no Rio, já como mestranda da UERJ, representava para mim período suficiente para que meus antigos contatos se perdessem quando o objetivo é acompanhar um *trote*. Por mais que eu tenha mantido contato com muitos amigos e até mesmo antigos informantes, o grupo de *veteranos* que estaria recebendo seus *calouros* não me conhecia. Ao mesmo tempo, o centro de humanas, aquele do qual eu havia feito parte, possui uma imagem muito específica dentro da dinâmica universitária, sendo apontado como aquele que é avesso ao *trote*, senão um dos seus mais ativos combatentes. Não discutirei aqui as mudanças ocorridas nos últimos anos, acompanhadas por uma mudança na forma de

---

<sup>7</sup> O quanto podem ser nojentas, vexatórias ou até mesmo humilhantes. A categoria humilhação também assume um sentido que é próprio aos estudantes, e que pretendo analisar posteriormente.

<sup>8</sup> Categorias nativas. Os atores responsáveis por propor as brincadeiras e organizar os estudantes em atividade de *trote* está “aplicando o *trote*”, os alunos *calouros* que estão inseridos nessas atividades “tomam *trote*”.

participação dos estudantes das humanas nas atividades acadêmicas em geral, mas no período de minha chegada na universidade, os meus *veteranos* e professores estavam ainda entre os atores principais do combate ao *trote* na universidade.

Minha estratégia de entrada consistiu em recorrer a algumas de minhas antigas companheiras de república para que me apresentassem a alguns dos estudantes que fariam parte da comissão de *trote* de 2008. Recebi três sugestões e imediatamente entrei em contato com os estudantes, através do site de relacionamentos Orkut<sup>9</sup>. Minha maior preocupação naquele primeiro momento era ganhar a confiança dos estudantes, expondo claramente meus objetivos de pesquisa (uma análise de identidades juvenis) e meus objetivos em compreender o *trote* como uma atividade legítima aos universitários. Era fundamental para mim que eles compreendessem que meus objetivos não envolviam uma crítica velada às atividades por eles desenvolvidas nesse processo.

Um dos rapazes que me indicaram eu já conhecia, por se tratar do irmão de uma das minhas antigas colegas de república, recebi sua resposta, mas ele já havia passado para o quinto período de Engenharia Civil, não estando entre os *veteranos* responsáveis pelo *trote* de meu interesse. Outro deles jamais me respondeu e Ricardo (estudante de veterinária e membro da comissão organizadora do *trote*), minha até então terceira e última opção, mostrou-se disposto a colaborar e até mesmo bastante interessado em participar. Começamos a conversar por e-mail e combinamos a minha ida na primeira semana de aulas, quando, segundo ele, eu poderia acompanhar o grupo e conversar com seus colegas. O “apoio” e disponibilidade de Ricardo se mostraram fundamentais para a realização da observação.

O discurso dos estudantes, num primeiro momento entre os *veteranos*, mas logo em seguida também entre os *calouros*, evidencia um sentido para o *trote* que vai muito além das brincadeiras. A própria idéia de *trote* observada entre os estudantes do curso de veterinária na UENF estaria marcada por um conteúdo em que todo o conjunto de atividades classificadas pelos outros sujeitos sociais da universidade, e até mesmo da cidade de Campos, como vexatórias são apenas uma parte. Certamente muito pode ser pensado a partir das brincadeiras realizadas e das mensagens proferidas pelos *veteranos* durante sua ocorrência, mas a todo momento os estudantes novos são convidados a participar das atividades noturnas, são lembrados dos eventos “limpos<sup>10</sup>” e da real motivação para que peguem dinheiro.

Me atrevo a dividir o ritual do *trote* em três partes: as atividades sujas<sup>11</sup>, a mendicância e as atividades limpas. Esta diferenciação não é estabelecida pelos estudantes, eles costumam nomear “*trote*” apenas a primeira e segunda fase, mas os encontros noturnos, apesar acabam se tornando parte fundamental das atividades da primeira semana de aulas, e são muito valorizadas pelos *veteranos*: “os *veteranos* vão para ver os *calouros*, todo mundo quer conhecer vocês.” (Ricardo, *veterano*)

Assim como veremos ao acompanhar os acontecimentos do primeiro dia de *trote*, a sujeira dos corpos, a realização de brincadeiras e das gincanas ocorre pela manhã. Em seguida, os

---

<sup>9</sup> Site de relacionamentos do grupo Google utilizado de forma maciça por brasileiro, em que cada internauta possui sua própria página e pode entrar em contato com todas as pessoas que também a possuem. Os amigos se “adicionam” e mantém reações por meio de ferramentas diversas, desde mensagens espontâneas, depoimentos pessoais (que podem ser aceitos e tornados públicos ou não), etc.

<sup>10</sup> Utilizo essa categoria ao me referir às atividades realizadas pelo grupo *veteranos* e *calouros* além das brincadeiras do *trote* propriamente ditas. Não se trata de uma categoria nativa, mas uma ferramenta que será utilizada por mim de forma a diferenciar as atividades.

<sup>11</sup> Idem.

*calouros* são levados ao centro da cidade para pegar dinheiro. No período noturno, *veteranos* e *calouros* vão para um dos bares próximos à universidade para tomar cerveja e confraternizar. O dinheiro coletado pelos *calouros* tem como objetivo não apenas o custeio das atividades noturnas organizadas ainda durante o *trote*, ou a semana do *trote*, mas principalmente o pagamento da cota da *choppada*, uma *cervejada* dos *calouros* de veterinária, além de um evento intermediário entre as *cervejadas* grupais e a *choppada* geral, uma *cervejada* para todos os alunos da universidade.

Antes de prosseguir sugiro que pensemos sobre as características dessas diferentes festas e seu significado para a dinâmica jovem universitária. As *choppadas* são festas tradicionais, organizadas em várias instituições de ensino superior do Brasil, por mais que possam assumir diferentes características em cada uma delas. A *Choppada* da UENF ocorre uma vez por ano, em períodos que variam desde o final do primeiro semestre letivo até meados do segundo. Nesta festa, apenas *calouros*, visitantes e alunos que não participaram do *trote* pagam para entrar. Digo os alunos que não participaram do *trote* porque, em grande parte dos casos, os estudantes pagam a taxa da *choppada* com o dinheiro coletado no *trote*, não que seja proibido o pagamento direto desta determinada quantia a um dos *veteranos* dentro do prazo estipulado.

Cada *calouro* que paga esse valor em seu ano de ingresso poderá participar da festa gratuitamente durante todos os outros anos de faculdade. Os estudantes não são obrigados a pagar, uma vez que não são obrigados a participar da festa, mas são incentivados por meio de um discurso de valorização desta atividade. Para garantir a continuidade da festa anual e a entrada gratuita dos estudantes *veteranos*, é necessário que a comissão responsável por organizar o *trote* colete uma determinada quantia em dinheiro de seus *calouros*, o que explica o empenho dos antigos alunos em convencer aos *calouros* em participar do *trote*, pegar dinheiro (garantindo assim um pagamento imediato) e ir à festa.

As *cervejadas* são festas de menores proporções organizadas pelos estudantes *veteranos* normalmente em casas de repúblicas. Os convidados para essas festas são os estudantes de um determinado curso. A forma de custeio dessa atividade varia. Em certos casos, parte do dinheiro coletado pelos *calouros* é direcionado para bancar a festa, em que os *veteranos* deste curso entram de graça. Pode ser que seja permitida a entrada de alunos de outros cursos mediante o pagamento de uma taxa de entrada; a presença desses estudantes é comum sobretudo quando estes mantêm relações próximas com os *veteranos* organizadores da festa. Costuma ocorrer nas semanas posteriores ao *trote* e pode observar uma preocupação dos organizadores das diferentes *cervejadas* em agendar os eventos em datas diferentes.

Ao contrário do que pude observar ainda como estudante de graduação da UENF, no ano de 2008 foi organizada uma *cervejada* dos *calouros* em geral. Entre as *cervejadas* individuais e a *choppada* da universidade, foi organizado um evento intermediário visando agregar os estudantes de todos os cursos. A festa foi organizada por integrantes de algumas repúblicas e um dos bares próximos à universidade. Como trata-se de uma festa relativamente recente à dinâmica universitária e que ocorreu entre a minha última visita a Campos e a que pretendo fazer na semana seguinte à entrega deste trabalho, não me aventuro a maiores descrições, mas posso adiantar que a entrada se deu através da venda de ingressos aos interessados.

Nem todos os estudantes participam destas festividades que, assim como as festas de república, costumam acontecer durante ao dias da semana em resposta a maior concentração de estudantes entre segunda e sexta-feira. Conseqüentemente, nem sempre é fácil para os estudantes *campistas*, que ainda moram com os pais, negociar sua ida as festas. Ao mesmo tempo, venho observando desde meus tempos de graduação em Campos, que os estudantes

provenientes de outras cidades não costumam freqüentar os eventos realizados em outros bairros. A localização espacial da UENF, os preços cobrados pelos shows, exposições agropecuárias ou casas de festa da cidade, em conjunto com os custos de uma moradia independente da casa dos pais, senão apenas o hábito, culmina com o estabelecimento de fronteiras de lazer muito visíveis. Dessa forma, mesmo os eventos gerais assumem um significado muito específico para os estudantes moradores de repúblicas. Ao mesmo tempo, a relação com os *veteranos*, senão as atividades do *trote*, inserem os estudantes recém chegados nesse novo ambiente e sua dinâmica característica.

### ***O trote como um ritual de passagem: um caso, muitas considerações***

Após meu contato com Ricardo e segundo meus objetivos de acompanhar um grupo em todas os acontecimentos do *trote*, concentrei meu olhar nos estudantes do curso de Medicina Veterinária. Na manhã do primeiro dia, encontrei o grupo em frente a um dos prédios de laboratórios da universidade, era aproximadamente nove e meia da manhã, os *calouros* já estavam um pouco pintados com guache, exibindo inscrições com a sigla do curso e da universidade, sobretudo no rosto, testa e braços, além de borrões de tinta em outras partes do corpo.

Além das inscrições pintadas nos corpos dos novos estudantes, estes receberam placas de papelão que deveriam ser mantidas penduradas no pescoço. Alunos de outros cursos costumam passar por uma experiência semelhante. Grupos mais organizados fabricam placas com nome da instituição, curso e nome do aluno. Mas o mais comum, assim como observei no *trote* de veterinária, é a simples escolha de um apelido para os *calouros*. Assim os novos alunos passam a ser chamados de “Fofinha”, “Alzira<sup>12</sup>”, “Saradona”, “Certinha”, de acordo com a classificação feita pelos alunos *veteranos* com base em sua aparência ou comportamento. De alguma forma, sua identidade é negada nesse primeiro contato, nesta relação são transformados em “*Calouros*”, ou “*calouro V.I.P.*”, e etc; segundo o apelido dado pelo grupo mais antigo. Em certos casos, estes novos nomes são de tal forma apropriados pelos colegas durante o *trote* que se mantém por toda a trajetória acadêmica.

Assim como o nome da universidade é lembrado, e a sua importância como instituição pública de ensino<sup>13</sup>, os estudantes observados se expressam a partir de sua identidade enquanto estudantes do curso de veterinária, um dos mais concorridos na UENF: “*Veterinária, vestibular público, porra!*” (Ricardo, *veterano*).

Durante o *trote*, os *calouros* são incentivados a cantar ou gritar segundo o direcionamento do grupo de *veteranos*. Presenciei em outras ocasiões o canto de músicas infantis de conhecimento geral, gritos de guerra, etc. Mas o grupo observado apresentou um pequeno repertório de músicas que era entoado pelos *veteranos* e ensinado aos *calouros*. Destes o significativo seria um conjunto de quatro estrofes cujo conteúdo é bem específico ao *trote*:

---

<sup>12</sup> Em referência a uma personagem de uma novela da Rede Globo de televisão. Esta personagem administraria uma vida dupla, entre os afazeres de dona de casa e o trabalho como dançarina de Pule Dance numa casa noturna.

<sup>13</sup> A aprovação em instituições públicas de ensino superior é muito valorizada no Brasil, apesar das críticas quanto a uma suposta deteriorização do ensino público e a progressiva expansão do ensino privado.

*“Sou calouro burro, escolhi veterinária, agora eu to na roça, não vejo mais a praia”* (autor desconhecido)

Não pretendo analisar a fundo o conteúdo simbólico das canções, mas algumas observações são fundamentais no que se refere a esses versos. Estes evidenciam um conteúdo recorrente ao ritual. Em primeiro lugar reforçam a premissa de que o *calouro* é burro. Acaba de chegar à universidade, o que o coloca em situação de desvantagem com relação aos *veteranos*, apresenta-se portanto em posição inferior no que seria uma hierarquia. Ao mesmo tempo, esta idéia pressupõe que o *calouro* precisa aprender. Mas aprender com quem? Aprender o que? São questões que me parecem fundamentais. O verso seguinte marca uma identidade: *“escolhi veterinária”*, estabelecendo desde já a sua diferenciação com relação à outros grupos de estudantes.

Em seguida temos as duas estrofes finais, que agregam a mesma mensagem e evidenciam um outro elemento de diferenciação: a origem. Um dos distritos da cidade de Campos dos Goytacazes possui sim praia, há menos de meia hora de viagem. Ao classificarem o novo espaço urbano que passam a ocupar após a entrada na universidade como “roça”, o fazem em oposição ao que compreendem como um grande centro urbano, possivelmente relacionando Campos à capital do Estado que seria, portanto, sua real origem. Ao entoar estas quatro estrofes os estudantes clamam por uma identidade específica aos alunos não-campistas e, através de sua performance, estabelecem mais uma diferenciação.

O mesmo conteúdo de caráter regional também está presente no “Hino”:

"Cachaça Cerveja birita e muito louvor  
Viemos nessa porra pra botar muito terror  
**Rio de Janeiro** chegou pra dominar  
E os figurantes são apenas BLA BLA BLA  
BLA BLA BLA de cú é rola senta aqui e da um grito  
Tapete vermelho esta passando o novo mito  
Sou da UENF e bebo até cair  
Se você não agüenta PEDE PRA SAIR!  
Veterinária muita disposição  
Zoa pra caralho e vai descendo ate o CHÃO  
CHÃO CHÃO CHÃO CHÃO CHÃO" (autor desconhecido, grifos meus)

Neste caso, a referência à cidade do Rio de Janeiro é feita de forma direta, indicando o endereço de origem dos estudantes. Em pesquisa anterior<sup>14</sup> pude observar que apesar da maioria numérica de estudantes cariocas entre os moradores de repúblicas situadas em um dado condomínio próximo à UENF, proporcionalmente este número não é tão proeminente. Ou seja: apesar de se identificarem com a capital carioca, grande parte dos estudantes são originários de outras cidades. Não seria interessante neste momento aprofundar minhas reflexões quanto a esses dados, os cito apenas com o objetivo de demonstrar alguns dos meios através dos quais as identidades juvenis são construídas, reconstruídas na relação com os grupos de estudantes recém-chegados, e apresentadas aos outros. Outro entendido aqui como

---

<sup>14</sup> Opus cit.

aquele que não é semelhante, e que portanto se opõe àquele que é (WOODWARD, 2000).

O estabelecimento destes conteúdos não foge ao conflito e talvez essa seja a característica presente na interação dos grupos novos e antigos (de *calouros* e *veteranos*) que mais se evidencia durante o *trote*. O *trote*, neste sentido, nada mais seria do que o momento em que os grupos são colocados em jogo, jogo este em que saberes precisam ser apreendidos em favor da integração daqueles que seriam os novos membros. O *trote* em muito aparenta a encanação de um duelo e, como tal, apresenta suas regras específicas. Mas nesta guerra os limites são testados a todo o momento. Assim também se delimitam internamente os níveis suportáveis do vexame.

As brincadeiras envolvidas no *trote*, classificadas como vexatórias, humilhantes ou abusivas no site Wikipédia assumem um sentido muito específico dentro da dinâmica do *trote* estudantil observado. Há a intenção clara de expor os novos estudantes à situações no mínimo risíveis e sua disponibilidade em participar nos obriga a pensar no caráter que pode ser assumida a própria idéia de humilhação.

O primeiro dia de *trote* foi para mim uma maratona de aproximadamente 8 horas entre a gincana, a caminhada até o centro da cidade e a coleta de dinheiro. Os estudantes ainda foram a um bar em frente à universidade à noite, evento este que não tive forças para acompanhar, mas que envolveu apenas três *calouros*. Além de pintados os novos alunos tiveram que se sentar em cima de ovos, se molhar um líquido misto de água de peixe<sup>15</sup>, estrume e coliformes fecais, usar as roupas íntimas por fora da roupa, chupar pepinos sujos com leite condensado e etc. Admito que seja extremamente difícil acreditar numa idéia de participação voluntária dos estudantes em atividades que, vistas de fora, possuem um caráter absolutamente degradante. Mas, ao mesmo tempo, não seria possível levar esse processo adiante senão através da disponibilidade desses atores em participar.

O primeiro passo para os *veteranos* dispostos a aplicar o *trote* foi identificar e reunir os novos alunos. Os alunos são “identificados” com os apelidos e a partir daí são organizadas as gincanas. Neste grupo alguns dos novos estudantes assumiram papéis específicos, que os diferenciava dos outros colegas não só por meio do apelido como também de “funções” acionadas pelos *veteranos* freqüentemente. Além da caloura “Alzira”, que deveria dançar sempre que solicitado, um casal de estudantes foi designado “*calouros rádio*”, e a esses eram solicitada músicas. Em algumas situações, um dos *calouros rádio* deveria cantar um determinado estilo de música enquanto os colegas desenvolviam performances de dança. As características pessoais acionadas no processo de diferenciação interna são definidas de acordo com o que seriam para eles mesmos elementos significativos, como estado civil dos novos alunos, sexo, personalidade, etc: “*Falou merda no Orkut, é calouro VIP, tem uma garrafinha especial*”, explica Igor sobre a garrafa de água de peixe reservada aos estudantes que teriam se mostrado resistentes ao *trote* durante as discussões no site de relacionamentos.

Apesar da tentativa dos antigos alunos em convencer os estudantes novos a participar das brincadeiras e de um discurso marcado pela tentativa de levar os *calouros* ao limite do suportável, os primeiros apreciam perceber que “seus *calouros*” curtam as brincadeiras. “*Que isso? Calouro ta chorando<sup>16</sup>? Porque veio então, calouro?*” (Rodrigo, veterano)

<sup>15</sup> Água que é produto do derretimento do gelo que é colocado em pescados para a conservação do peixe. Os *calouros* coletam esse material com feirantes da cidade e o deixam muitas vezes por mais dois ou três dias ao sol, o que provoca a putrefação do material sólido que contém, lhe conferindo um cheiro particularmente forte e um aspecto muito semelhante ao do vômito.

<sup>16</sup> “Chorar” segundo categoria nativa pode assumir um sentido conotativo “reclamar”.

Espera-se que haja real disponibilidade em participar: “*Todo mundo feliz, sorrindo.*” “*Você vai adorar, você vai adorar, é ótima essa sensação*” (mensagens de “incentivo” proferidas durante o *trote* durante um *veterano* não identificado).

Quanto aos estudantes que não estiveram presentes ao *trote*, Ricardo explica que, por não interagir com os *veteranos* durante a primeira semana, estes perdem a oportunidade de estabelecer relações de troca que para eles são ainda muito importantes. Não apenas não poderão participar das festas<sup>17</sup> como também não poderão contar com o auxílio dos *veteranos* para a resolução de questões práticas durante os primeiros meses de vivência acadêmica: “*Quem não participou está excluído.*” (Ricardo, *veterano*) Há uma defesa do *trote* como uma oportunidade para a construção de novas relações que poderão ser positivas para ambos os grupos (*veteranos* e *calouros*), e especialmente para os *calouros*. Nessa troca se dá a iniciação dos novos alunos na estrutura da universidade, é através das relações entre gerações de estudantes que os conhecimentos práticos necessários para a compreensão do sistema institucional é transmitido. E o *trote* se coloca para esses estudantes como primeiro passo para o estabelecimento dessas relações.

### ***Considerações Finais: Um circuito interativo***

Segundo o discurso dos estudantes sobre o *trote*, de uma forma geral, tanto dos *calouros* quanto dos *veteranos* que participam do *trote* de forma ativa (já que a não obrigatoriedade velada se traduz em um esvaziamento progressivo de *calouros* durante as atividades) haveria uma complementaridade entre os diferentes eventos. O estar junto como um meio de garantir a continuidade da relação. Por mais que, assim como apresentei acima, as atividades sujas tenham significados muito mais profundos e que ainda merecem uma análise muito mais cuidadosa, a sujeira é um elemento fundamental para a mendicância. E é através da mendicância que os estudantes coletam o dinheiro necessário para a sua participação nas atividades de lazer gerais.

A sujeira evidenciaria todos os “sofrimentos” vivenciados durante o *trote*, a humilhação sofrida, sensibilizando os passantes para que estes façam as doações em dinheiro necessárias para pagar a cota da *choppada* e *cervejadas*. Assim como a identificação como um estudante de uma universidade pública contribui neste sentido (e aí a importância de manter o nome de universidade sempre pintado no rosto ou braços), o aspecto imundo e cansado são também estratégias de mendicância.

No primeiro dia de *trote*, os *veteranos* que seguiram para o centro da cidade junto com os *calouros* também se pintaram com o nome da universidade e do curso e para pedir dinheiro. Essa “renda extra” garante, também para aqueles que estão na universidade a mais tempo, a participação nos diversos eventos realizados justamente na semana mais movimentada do semestre. No segundo dia, observei os próprios *calouros* pintando seus corpos, considerados por eles como limpos demais, antes da ida para o centro da cidade.

As relações no *trote* se dão em uma atmosfera de conflito constante, em que o jogo está, de certa forma, marcado pelo desafio. O desafio de testar os limites do outro. E tal relação só é

---

<sup>17</sup> Assim como explicitiei anteriormente, a não participação na semana do *trote* não se traduz em um impedimento para a entrada nas festas gerais, como *choppada* e *cervejadas*. Ricardo possivelmente se refere aos encontros entre amigos, churrascos de república e etc; em que a possibilidade de participação perpassa as relações entre pares.

possível a partir do reconhecimento por ambos os grupos em oposição (*veteranos* e *calouros*) de um sistema de hierarquia em que os primeiros detêm conhecimento e o poder de transmiti-lo. Mas me parece, a partir dessas breves análises, que o conflito é um elemento fundamental para o estabelecimento do primeiro contato, como elemento integrante e integrador onde são criadas e recriadas representações e identidades (SIMMEL, **ver**).

Este trabalho está em fase de realização de entrevistas semi-estruturadas com alguns dos jovens estudantes da UENF e análise dos dados, o que talvez explique o caráter superficial das análises apresentadas por mim neste artigo. Pretendia neste momento apenas refletir sobre alguns elementos presentes no *trote* como ritual de passagem onde, através da redefinição de papéis e identidades sociais e da transmissão de saberes são construídas relações e construídas identidades juvenis.

### **Bibliografia**

ABRAMO, Helena Wendel. “Contexto Histórico e condição juvenil”. In: \_\_\_\_\_. *Cenas Juvenis. Punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994. ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). *Culturas juvenis: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. “‘Zoar’ e ‘Ficar’: novos termos da sociabilidade jovem.” In: ALMEIDA, Maria Isabel de. E EUGÊNIO, Fernanda (Orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 1981.

BOURDIEU, Pierre. “Gostos de classe e estilos de vida”. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Coleção Grandes Cientistas Sociais – Bourdieu*, nº 39. São Paulo: Ática, 1983.

CASTELLS, Manuel. Conclusão. In: *O poder da Identidade*. Vol. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COELHO, Maria Claudia. Juventude e sentimentos de vazio: idolatria e relações amorosas. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de.; EUGENIO, Fernanda. (Orgs.) *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ELIAS, Norbert. *La civilización de los padres*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 1998.

GENNEP, Arnold Van. *Os ritos de passagem: estudo sistemático da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez, parto, nascimento, infância, noivado, casamento, funerais, estações, etc.* Petrópolis: Vozes, 1977.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da.; WOODWARD, Kathryn; HALL, Stuart (Orgs.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MÜLLER, Elaine. Palavras nunca voltam vazias: reflexões sobre classificações etárias. IN: ALVIM, Rosilene; QUEIROZ, Tereza e FERREIRA Jr., Edísio (Orgs.) *Jovens e Juventudes*. João Pessoa: Editora Universitária – PPGS/UFPB, 2005.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: REZENDE, Claudia Barcelos. *Identidade: o que é ser jovem? Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 240, p. 2-4, 1989.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_; WOODWARD, Kathryin; HALL, Stuart. (Orgs.) *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SIMMEL, ver

WOODWARD, ver 2000

VIANNA, Hermano. (Org.) *Galerias cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

\_\_\_\_\_. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de.; EUGENIO, Fernanda. (Orgs.) *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.